Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação — REASE

doi.org/10.51891/rease.v12i11.32172

O AMOR NA ATUAÇÃO CLÍNICA DE PSICÓLOGOS: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS DE CUIDADO

LOVE IN PSYCHOLOGISTS' CLINICAL PRACTICE: CONCEPTIONS AND CARE PRACTICES

EL AMOR EN LA PRÁCTICA CLÍNICA DE LOS PSICÓLOGOS: CONCEPCIONES Y PRÁCTICAS DE CUIDADO

Hinys Gabrielly Araújo Morais[1]
Oseias Nascimento dos Reis[2]
Kátya de Brito e Silva Freire[3]

RESUMO: Esta pesquisa teve como objetivo investigar as concepções de psicólogos sobre o amor e de que modo essas concepções se refletem nas práticas de cuidado com seus clientes. Trata-se de uma pesquisa de campo, de abordagem qualitativa e caráter exploratório-descritivo, realizada com 12 psicólogos clínicos atuantes nos municípios de Pedro II e Piripiri, no Piauí. A coleta de dados ocorreu por meio de questionário sociodemográfico e entrevistas semiestruturadas, analisadas mediante a Análise de Conteúdo de Bardin. Os resultados foram organizados em três categorias: concepções de amor, referenciais teóricos e abordagens utilizadas, e influência das concepções de amor nas práticas de cuidado. O amor foi compreendido como vínculo, cuidado, compromisso, sentido de vida, idealização e sofrimento. Também foram identificadas influências de abordagens psicológicas, contribuições de outras áreas do conhecimento e experiências pessoais e profissionais. Na atuação dos profissionais, essas percepções refletem ações de acolhimento, fortalecimento do vínculo terapêutico, manejo do sofrimento, respeito à autonomia e reconhecimento dos limites éticos. Conclui-se que o amor constitui uma dimensão relevante para a compreensão das relações e das práticas de cuidado psicológico, ressaltando a importância de uma atuação ética, sensível à singularidade dos clientes e fundamentada no autoconhecimento profissional.

Palavras-chave: Amor. Psicólogos. Vínculo.

ABSTRACT: This study aimed to investigate psychologists' conceptions of love and how these conceptions are reflected in their care practices with clients. This is a field study with a qualitative approach and an exploratory-descriptive design, conducted with 12 clinical psychologists practicing in the municipalities of Pedro II and Piripiri, in the state of Piauí, Brazil. Data were collected through a sociodemographic questionnaire and semi-structured interviews, which were analyzed using Bardin's Content Analysis. The results were organized into three categories: conceptions of love, theoretical frameworks and approaches employed, and the influence of conceptions of love on care practices. Love was understood as attachment, care, commitment, meaning in life, idealization, and suffering. The influence of psychological approaches, contributions from other fields of knowledge, and personal and professional experiences were also identified. In clinical practice, these perceptions are reflected in welcoming and supportive attitudes, efforts to strengthen the therapeutic alliance, the management of suffering, respect for client autonomy, and recognition of ethical boundaries. It is concluded that love constitutes a relevant dimension for understanding relationships and psychological care practices,

[1] Discente do curso de Psicologia no Centro Universitário Chrisfapi – UNICHRISFAPI.
[2] Discente do curso de Psicologia no Centro Universitário Chrisfapi – UNICHRISFAPI.
[3] Doutora em Psicologia e orientadora no Centro Universitário Chrisfapi – UNICHRISFAPI.

highlighting the importance of ethical practice that is sensitive to each client's individuality and grounded in professional self-awareness.

Keywords: Love. Psychologists. Attachment.

RESUMEN: Esta investigación tuvo como objetivo investigar las concepciones de los psicólogos sobre el amor y cómo estas concepciones se reflejan en las prácticas de cuidado con sus clientes. Se trata de una investigación de campo, de enfoque cualitativo y carácter exploratorio-descriptivo, realizada con 12 psicólogos clínicos que ejercen su profesión en los municipios de Pedro II y Piripiri, en Piauí, Brasil. La recopilación de datos se llevó a cabo mediante un cuestionario sociodemográfico y entrevistas semiestructuradas, analizadas mediante el análisis de contenido de Bardin. Los resultados se organizaron en tres categorías: concepciones del amor, referentes teóricos y enfoques utilizados, e influencia de las concepciones del amor en las prácticas de cuidado. El amor se entendió como vínculo, cuidado, compromiso, sentido de la vida, idealización y sufrimiento. También se identificaron influencias de enfoques psicológicos, aportes de otras áreas del conocimiento y experiencias personales y profesionales. En la práctica profesional, estas percepciones se reflejan en acciones de acogida, fortalecimiento del vínculo terapéutico, manejo del sufrimiento, respeto por la autonomía y reconocimiento de los límites éticos. Se concluye que el amor constituye una dimensión relevante para comprender las relaciones y las prácticas de cuidado psicológico, lo que pone de relieve la importancia de una actuación ética, sensible a la singularidad de los clientes y fundamentada en el autoconocimiento profesional.

Palabras clave: Amor. Psicólogos. Vínculo.

1 INTRODUÇÃO

Os significados do amor nas relações humanas vêm conquistando notoriedade na ciência, mídia e desenvolvimento de vínculos intra e interpessoais, bem como nos contextos sociais, históricos e culturais. Ao longo dos séculos, artistas, filósofos e cientistas buscaram descrever o significado do amor à luz dos mais variados campos do saber (SUY, 2022). Em vista disso, esta pesquisa propõe-se a conectar os estudos disponíveis na literatura científica à práxis societal contemporânea.

O amor engloba diferentes conceitualizações conforme o campo de estudo analisado. São variadas as definições sobre o que seria o amar e as investigações acerca dessa temática continuam a formar novos conhecimentos sobre como as pessoas vivenciam as correlações particulares e coletivas em suas próprias existências. Isso revela a ampla complexidade dessa dimensão emocional e suas influências socioculturais e psicológicas (ALMEIDA; RODRIGUES, 2024).

É importante destacar que o amor não precisa ser exclusivamente romântico para que os indivíduos aproveitem os efeitos dessa experiência em aspectos psicossociais. Ao longo da evolução, os seres humanos sobreviveram pela adesão a grupos, o que possibilitou o aprimoramento de seu repertório de comunicabilidade (JARDIM; SOUZA, 2024). Dessa

maneira, tais benefícios permanecem na conjuntura contemporânea, estendendo-se aos âmbitos de consolidação dos vínculos interpessoais.

Nas ciências psicológicas, o amor é abordado em múltiplas dimensões, compreendido como uma vivência que une pertencimento e a percepção da própria singularidade. Trata-se de um fenômeno multifacetado, marcado por uma complexidade que desafia explicações unidimensionais (SANTOS; SANTOS, 2023). Diante disso, revela-se fundamental considerar os distintos olhares que esse fenômeno suscita tanto no ecossistema academicista quanto na sabedoria popular.

Defronte à Psicanálise, por meio das contribuições de Freud e Lacan, compreende-se o amor como algo que nasce da falta e do desamparo, não como uma plenitude em si, mas como uma tentativa de lidar com o que é faltante. Dessa forma, sob o enfoque psicanalítico, o relacionamento amoroso se constitui como uma resposta simbólica ao vazio que habita o sujeito, sem a intenção de preencher essa falta, mas de torná-la suportável por meio do laço com o outro (FERREIRA; TEODORO, 2023; SILVA, 2025).

Por sua vez, a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) interpreta o amor como uma construção psicológica influenciada por padrões de aprendizagem ao longo da vida, considerando que as crenças desempenham um papel nas respostas emocionais dos indivíduos (ALVES, 2025). Nesse contexto, a TCC reitera a influência das interpretações cognitivas na forma como as pessoas vivenciam, expressam e constroem seus laços socioafetivos, diante da articulação entre pensamentos, emoções e comportamentos.

Já na Psicologia Social, os relacionamentos amorosos fazem parte de dinâmicas sociais que exercem influência em níveis pessoal e comunitário. Em acréscimo, o amor configura uma das formas de representação dos sistemas de poder e na pós-modernidade é atravessado por estímulos tecnológicos, comunicacionais e transfigurações globais que se interligam com eventos e circunstâncias de diferentes contextos e épocas (OLIVEIRA; SILVA; AMORIM, 2025).

A Psicologia Humanista valoriza a dignidade da subjetividade, sendo essa uma resposta às problemáticas inerentes ao viver no mundo contemporâneo. A Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) enfatiza o amor como uma ideia central, que se manifesta através da aceitação positiva incondicional, empatia e congruência, fundamentando-se na ideia de que os indivíduos possuem capacidade inata para a autoatualização (ROGERS, 1961).

Para a Logoterapia, o amor é um caminho para a autotranscendência, consistindo em algo ou alguém além de si, tornando o ser humano único, insubstituível e capaz de encontrar sentido para a sua existência. Amar, sob esse enfoque, implica perceber o outro em sua profunda totalidade, reconhecendo não apenas suas características, mas também seu potencial, e incentivando seu integral crescimento, realização e autorrespeito (SILVA et al., 2021).

Observa-se também que diferentes temáticas sobre o amor têm sido estudadas no Brasil, como experiências afetivas e sofrimento psíquico entre jovens e adultos, compreensão da concepção de amor em crianças, relação entre fé e amor, além de revisões bibliográficas sobre amor e conjugalidade (ALVES; ALENCAR; ORTEGA, 2014; FORMIGA; CAMPOS, 2020; HERNANDEZ et al., 2014; NÓBREGA; FONTES; PAULA, 2005; OLTRAMARI, 2009; SCHLÖSSER; CAMARGO, 2014).

Por outro lado, apesar do crescente interesse pela psicologia do amor nos últimos anos em contexto nacional, verifica-se uma produção científica ainda limitada quanto à elaboração e à validação de teorias e modelos do amor. Esse cenário indica limitações na estruturação de um corpo teórico que represente a realidade afetiva brasileira. Além disso, a falta de estudos sistemáticos restringe o avanço de reflexões mais aprofundadas sobre o fenômeno. Dessa forma, a produção é considerada pequena, se comparada à de outros países (HERNANDEZ et al., 2014; SCHLÖSSER; CAMARGO, 2014).

Nesse contexto, destaca-se a escassez de estudos empíricos sobre a concepção dos psicólogos em relação ao amor, tema de interesse deste trabalho. Torna-se fundamental investigar como esses profissionais percebem e interpretam o amor, enriquecendo sua formação e ampliando a capacidade de analisar dinâmicas emocionais, relacionais e processos biopsicossociais, oferecendo ferramentas para reflexões sobre vínculo terapêutico, atenção especializada e orientação direcionada.

Consequentemente, esta pesquisa objetiva explorar as concepções de psicólogos sobre o amor em suas diferentes características, interligando a literatura científica com a realidade prática desses profissionais da saúde mental. Por conseguinte, ao estudar as configurações intersubjetivas, é significativo propiciar um olhar crítico, ético e inclusivo para a garantia de produções científicas mais próximas da experiência humana (IMPETT; PARK; MUISE, 2024).

2 MÉTODO

O presente estudo caracteriza-se como pesquisa de campo, de caráter exploratório-descritivo e com abordagem qualitativa. A amostra foi composta por 12 psicólogos clínicos atuantes nos municípios de Pedro II e Piripiri, no estado do Piauí. Como critérios de inclusão, estabeleceram-se a inscrição no Conselho Regional de Psicologia (CRP), a atuação clínica em um desses municípios por no mínimo seis meses e a participação voluntária. O recrutamento foi realizado diretamente pelos pesquisadores, com seleção intencional dos participantes, buscando contemplar psicólogos que atuavam em diferentes abordagens.

A coleta de dados ocorreu de 3 a 29 de julho de 2026, por meio de questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada. O primeiro contemplou dados como idade, gênero, orientação sexual, estado civil, escolaridade, raça/etnia, religião e classe socioeconômica, além de informações sobre formação, tempo de atuação profissional, áreas de trabalho e abordagem teórica. Já as entrevistas foram norteadas por um roteiro pré-elaborado e aberto, orientado a partir dos objetivos da pesquisa, com oito perguntas sobre as concepções de amor e suas repercussões clínicas. Foram pré-agendadas e ocorreram em locais definidos pelos próprios participantes ou por meio da plataforma digital *Google Meet*, durando entre 30 e 50 minutos. Com autorização prévia, os áudios foram gravados e convertidos em texto por meio de transcrição textual fiel aos discursos.

Por sua vez, os dados foram submetidos à Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016). A primeira etapa compreendeu a pré-análise, mediante leituras flutuantes para a constituição do *corpus*. A segunda envolveu a exploração do material, com a codificação das Unidades de Registro e o agrupamento semântico em categorias. A terceira consistiu no tratamento dos resultados, inferência e interpretação, articulando os achados com a literatura científica (VALLE; FERREIRA, 2025).

O estudo seguiu as Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e o Código de Ética Profissional do Psicólogo, sendo previamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Getúlio Vargas, sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 96449926.0.0000.5613 e Parecer nº 8.308.089. Para mais, antes das entrevistas os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O anonimato foi assegurado por nomes fictícios inspirados em personagens do universo literário de *Percy Jackson*, criado pelo autor Rick Riordan, e os dados estão armazenados em dispositivo seguro por cinco anos, sendo posteriormente descartados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados foram organizados e serão apresentados em três categorias correspondentes aos objetivos específicos do estudo. A primeira categoria aborda as concepções de amor, abrangendo vínculo e relação, cuidado e compromisso, sentido da vida, idealização e sofrimento. A segunda categoria apresenta os referenciais teóricos e abordagens utilizadas pelos psicólogos, reunindo informações sobre abordagens psicológicas e contribuições filosóficas, sociológicas, feministas e religiosas. Por sua vez, a terceira e última categoria aborda a influência das concepções de amor nas práticas de cuidado, contemplando temas como acolhimento e vínculo terapêutico, manejo do sofrimento e respeito à autonomia, implicação pessoal e limites profissionais.

3.1 Concepções de amor

A primeira categoria, concepções de amor, reuniu quatro subcategorias que serão discutidas respectivamente a seguir: "amor como vínculo e relação" com relatos sobre afeto, reciprocidade, reconhecimento social e relação consigo; "amor como cuidado e compromisso" reuniu concepções sobre amparo, responsabilidade e escolhas envolvidas na dedicação; "amor e sentido da vida" contemplou falas sobre pertencimento, sustentação da existência e experiências de perda; a última subcategoria abordou "amor, idealização e sofrimento", trazendo expectativas de completude e de concordância constante, além das críticas à anulação de si nas relações.

3.1.1 Amor como vínculo e relação

Identificou-se uma compreensão do amor como vínculo construído na convivência. Nesse sentido, sobressaíram-se os laços familiares, amizades e a convivência com animais. A vida conjugal foi situada como uma dessas possibilidades, e parte dos participantes questionou a exclusividade do amor romântico, como se pode observar nas falas a seguir: *"o amor não está ligado só a namorados, né? A casais"* (Rachel), *"Relacionamentos... familiares, fraternos, de amizade, enfim, conjugais, com animais"* (Annabeth), *"quando a gente pensa em amor, muitas vezes a gente já direciona os pensamentos para aquele amor entre duas pessoas, romântico, e o amor é muito além disso"* (Hazel).

Nessa perspectiva, entende-se o amor como algo a ser construído e que requer implicação. Nas palavras de Sally: *"Eu penso no amor [...] como uma relação que é construída, né? A partir de uma importância, de uma implicância com o outro"*. Da mesma forma, complementou

Afrodite: *"Então é um elo subjetivo: do que eu tenho com relação a um outro e do que eu espero que o outro tenha com relação a mim"*. Além disso, acentuou-se a disposição e abertura para o acolhimento: *"E, para mim, amor é um dos sentimentos em que existe mais vínculo, né? De você estar ali à disposição, a acolher"* (Íris).

Esse resultado encontra respaldo em discussões que compreendem o amor para além da dimensão romântica, incluindo vínculos familiares e outras formas de dedicação (ALVES; ALENCAR; ORTEGA, 2014; GASSET, 1971). A discussão das perspectivas existencial e humanista reconhece o amor na relação com outras pessoas e com a humanidade, envolvendo cuidado, responsabilidade e respeito (SILVA et al., 2021). Além disso, se aproxima da concepção do amor como prática social vivenciada como sentimento, em que pequenos gestos cotidianos vão constituindo a relação amorosa (OLTRAMARI, 2009).

Associado a essa compreensão, os participantes acentuaram diferentes possibilidades de entender e expressar o amor. Como pontuou Ares: *"amor é uma palavra que assume um valor genérico, porque depende do significado que cada pessoa atribui à palavra"*. No mesmo sentido, Afrodite complementou: *"O que a gente entende sobre afeto é individual: cada pessoa tem um construto, tem uma construção do que é o afeto e, consequentemente, do que é o amor"*. Apesar desse caráter subjetivo, foi destacada a limitação das expressões e formas de amar, por meio de processos de exclusão vividos por alguns grupos como as mulheres negras, as pessoas trans e os profissionais do sexo: *"E também acho que tem a questão de quem são as pessoas dignas de serem amadas e aquelas que não são, sabe? [...] É muito triste"* (Annabeth).

Nessa direção, a revisão sociológica reuniu pesquisas sobre desigualdades raciais nas escolhas afetivas e exclusão de mulheres negras na formação de vínculos amorosos. Essa discussão aproxima a preocupação de Annabeth das condições sociais de reconhecimento dos vínculos. Para a escuta psicológica, sugere considerar experiências de discriminação, evitando reduzir o sofrimento amoroso a dificuldades individuais (JARDIM; SOUZA, 2024).

Nesse sentido, a questão do reconhecimento social permite distinguir a compreensão de uma experiência como amorosa da possibilidade de vê-la validada por outras pessoas. Os significados atribuídos ao amor são construídos em condições sociais atravessadas por normas e hierarquias. As relações étnico-raciais e as formas não monogâmicas de conjugalidade permitem examinar como essas condições participam do reconhecimento das experiências afetivas (JARDIM; SOUZA, 2024).

Além disso, a reciprocidade apareceu no carinho e no respeito ao outro. Rachel afirmou: *"Ele está ligado muito fortemente ao carinho, ao respeito, à reciprocidade."* A relação consigo apareceu como parte dessas trocas. Grover a apresentou como condição para amar: *"Você não vai conseguir amar uma pessoa em uma relação se você não se ama."* Afrodite ressaltou sua influência no afeto oferecido e recebido: *"É sempre sobre o amor que eu tenho sobre mim — e aí, como isso reflete no amor que eu consigo dar e receber do outro."* O cuidado de si foi apresentado ora como condição para estabelecer uma relação, ora como influência na maneira de vivê-la.

Quanto ao cuidado de si, a revisão sobre psicoterapia para psicoterapeutas destaca o autoconhecimento como parte do preparo profissional (HAIKAL, 2022). Em diálogo com os relatos, entende-se que o autocuidado do psicólogo requer o reconhecimento de suas necessidades e o exame da implicação das mesmas na escuta que oferece aos seus pacientes. Trata-se de um trabalho que requer distinguir as experiências afetivas do profissional daquelas apresentadas pelo cliente.

Nessa relação consigo e com o outro, Atena associou amar ao conhecimento: *"amar é aceitar, compreender e respeitar aquilo que eu conheço"*. A fala reúne aceitação e respeito às particularidades de quem se ama. Na concepção de amor produtivo, o conhecimento integra o cuidado e a responsabilidade, incluindo a atenção às próprias necessidades na capacidade de amar (SILVA et al., 2021).

3.1.2 Amor como cuidado e compromisso

O amor também foi concebido como cuidado. Reyna enfatizou o amparo: *"Cuidado no sentido em que nós temos a questão do afeto, no sentido de amparo mesmo."* Grover acrescentou: *"Amor é um cuidado. Amor é um cuidado que vai te exigir responsabilidade."* Ao explicá-la, afirmou: *"E o amor te coloca essa responsabilidade de entender que essa pessoa não é você, não são as suas expectativas."* Cuidar envolve, a partir desses relatos, apoiar alguém cujas necessidades podem diferir das próprias.

Sob essa perspectiva, a discussão da comunicação na abordagem rogeriana destaca o respeito à experiência do cliente e à sua autonomia (ROGERS, 1961). Essa contribuição ajuda a pensar a diferença apontada por Grover: nas relações de ajuda, reconhecer necessidades próprias do outro implica admitir escolhas distintas das de quem cuida. Assim, aprofundar-se no referencial teórico sobre o amor e no autoconhecimento a partir desse tema pode ser um

caminho promissor para que o psicólogo construa relações de ajuda embasadas na ética, no cuidado e no respeito.

Nas escolhas envolvidas em um relacionamento, a responsabilidade incluiu reconhecer quando permanecer e quando se afastar da outra pessoa. Quíron afirmou: *"Nem sempre a gente quer amar aquela pessoa, mas amar às vezes é decidir ficar, é decidir fazer. Às vezes é deixar ir."* Percy destacou o caráter cotidiano do exercício amoroso: *"E é uma prática diária — uma prática em que, às vezes, você não vai estar com o coração aberto para praticar todo dia."* O compromisso apareceu nas atitudes e decisões sobre os vínculos, sem exigir permanência a qualquer custo.

Desse modo, o amparo diz respeito ao apoio oferecido, e o compromisso, à responsabilidade nas escolhas. Conceber o amor como arte implica dedicação, disciplina e paciência. No amor amadurecido, a união preserva a integridade dos envolvidos e os limites da entrega (FORMIGA; CAMPOS, 2020), aspecto presente nas falas sobre permanecer ou deixar ir.

3.1.3 Amor e sentido da vida

O amor também foi associado à direção e ao sentido de vida. Annabeth definiu o amor como *"aquilo que mantém a gente na vida, sabe? O que sustenta."* Percy o relacionou à direção encontrada nas experiências: *"ele é um combustível que move, que permite que nós consigamos andar, caminhar e nos direcionar, principalmente."* Hazel acrescentou: *"o amor traz muito significado para as nossas vidas, traz realmente um sentimento de pertencimento e traz significado."*

Essas falas articulam-se ao campo da construção de sentido, compreendido, à luz da Logoterapia, a partir do conceito de autotranscendência. Nessa perspectiva, o sentido da existência emerge do direcionamento do indivíduo para além de si mesmo, por meio do compromisso com outras pessoas, com atividades significativas ou com causas que atribuem propósito à sua trajetória. Assim, os vínculos afetivos e as atividades investidas de valor podem constituir fontes de sentido existencial, contribuindo para a atribuição de significado à vida e para a sustentação de motivos para continuar vivendo (SILVA et al., 2021).

Relacionado a esse resultado, foi possível identificar a importância dos vínculos amorosos por meio dos relatos relacionados à dor de perdê-los. Hazel afirmou que *"o amor e a dor caminham ali lado a lado porque, quanto mais você ama, quanto mais você vivencia coisas boas, caso você venha a perder, mais você vai sofrer"*. Annabeth, ao abordar a morte de alguém, ressaltou: *"no luto, quando se perde uma pessoa amada, que a gente precisa trabalhar essa pessoa que se foi — mas o*

amor fica, né?" Separação e morte são experiências distintas; nos relatos, a dor remete ao valor do vínculo diante da ausência (NÓBREGA; FONTES; PAULA, 2005).

3.1.4 Amor, idealização e sofrimento

O amor também foi associado à idealização e ao sofrimento. Annabeth questionou a concordância constante: *"o que me pega mais é esse tipo de idealização, sabe? De que o amor é tranquilo e que se tem que estar sempre de acordo com as coisas."* Ares relatou ter revisto a ideia de completude: *"Me sinto mais confortável por não ter mais a ideia do amor como foi construída na minha infância, como a sociedade meio que te obriga a ter, essa noção de amor como completude."* Quíron, sobre a distância entre idealização e experiência, observou: *"Por isso, às vezes, quando você entra em contato com a realidade, se frustra."* Nesses relatos, parte do sofrimento decorre da expectativa de que o outro corresponda a uma imagem previamente construída.

Sob esse aspecto, a anulação de si foi questionada por Reyna. A participante apresentou como crença a ser revista a ideia de que *"para eu ser amada, eu preciso estar servindo ao outro"*, sobretudo quando isso significa *"fazer o que o outro quer, mesmo que, para isso, eu precise passar por cima das minhas vontades"*. A crítica retoma os limites da dedicação: assumir responsabilidades não faz da submissão uma condição para ser amado.

Dessa forma, as críticas à anulação de si se aproximam da distinção entre amor amadurecido e união simbiótica. No primeiro, a união preserva a integridade de cada pessoa; na segunda, compromete a autonomia. O sofrimento pode decorrer das exigências da convivência e difere da dor de perder alguém (FORMIGA; CAMPOS, 2020).

Por outro lado, questionar a submissão não basta para compreender a permanência em uma relação abusiva, que pode envolver dependência e dificuldades de romper o vínculo (FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012). Em diálogo com esse resultado, os relatos convidam a examinar tanto os ideais de dedicação quanto os recursos disponíveis para decidir e buscar apoio, sem responsabilizar quem sofre violência.

Diante dessas diferenças, vínculo, cuidado, sentido existencial e sofrimento mostram dimensões que podem coexistir e produzir tensões na mesma experiência. Para a prática psicológica, essa complexidade abre possibilidades de escuta sobre expectativas e limites, conforme cada demanda. Os depoimentos, contudo, não permitem concluir que uma concepção pessoal de amor determine uma intervenção ou seu resultado.

3.2 Referenciais teóricos e abordagens utilizadas

As concepções de amor relatadas se apoiaram na formação em psicologia e em experiências e leituras de outras áreas. Esta categoria reuniu abordagens, teorias e conceitos psicológicos e contribuições filosóficas, sociológicas, feministas e religiosas. Os relatos situaram essas referências nas trajetórias pessoais e profissionais. Seu lugar depende do uso descrito: uma influência pessoal não corresponde, por si só, a uma fundamentação empregada no atendimento.

3.2.1 Referenciais vinculados à psicologia

Entre os referenciais psicológicos, destaca-se que as concepções estão de acordo com as abordagens utilizadas pelos psicólogos. Percy destacou Rogers: "*Na minha abordagem, na minha área dos meus estudos, eu não conheci ninguém ainda que fale melhor sobre o amor do que o Rogers.*" Sua compreensão se articula à Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), à empatia e à congruência, entendida como presença autêntica do profissional. Grover, na Gestalt-terapia, recorreu à relação eu-tu e às fronteiras de contato: "*tem a minha individualidade e tem a individualidade do outro.*" As abordagens apresentam explicações distintas para esse encontro.

A Terapia Cognitivo-Comportamental e a Análise do Comportamento também foram destacadas. Reyna, cuja abordagem é a TCC, afirmou: "*O amor vai realmente ter o significado de acordo com as crenças que a pessoa traz — tanto crenças centrais quanto as intermediárias.*" Hazel, orientada pelo behaviorismo radical, situou sua compreensão na Análise do Comportamento: "*a minha visão do amor, segue esse embasamento teórico da análise do comportamento.*" Rachel relatou trabalhar com a Análise do Comportamento Aplicada (*Applied Behavior Analysis* — ABA). Na TCC, as crenças centrais são convicções sobre si, os outros e o mundo, construídas nas experiências de aprendizagem (ALVES, 2025).

Também foram mencionadas referências psicanalíticas e do desenvolvimento na explicação dos vínculos iniciais. Annabeth mencionou Winnicott, Bowlby e a base reichiana da psicologia corporal: "*a gente alia essa leitura psicanalítica, psicodinâmica — se a gente puder até colocar de uma forma mais abrangente — com o corpo.*" Os estudos sobre cuidado e separação na infância contribuíram para a formulação da teoria do apego (HORST; ROSMALEN; VEER, 2025). Afrodite recorreu ao desenvolvimento infantil; Ares informou utilizar a abordagem psicanalítica e estudar Freud, além de citar David Buss, da psicologia evolutiva. Os relatos não detalharam um uso clínico uniforme desses autores.

Já Atena, logoterapeuta, relatou que a abordagem ampliou sua formação: *"as teorias da logoterapia de Viktor Frankl me ajudaram muito a compreender aquilo que, teoricamente, havia ficado, de certa forma, vago ali no início da minha formação, no início da minha carreira profissional."* Ela relacionou esse percurso à dimensão noética, que abrange sentido, valores e responsabilidade. Quíron, cuja abordagem é a TCC, também mencionou Frankl. Nessa perspectiva, amar envolve reconhecer potencialidades e encontrar sentido; a dimensão espiritual ultrapassa a adesão religiosa (SILVA et al., 2021).

Nesse percurso formativo, as referências variaram com as experiências e o trabalho. Sally ressaltou: *"Eu acredito que todas essas leituras, o conhecimento dessa variedade de compreensão sobre o tema, contribuem para que eu vá lidando com esse tema."* Íris se apoiou na saúde coletiva e na clínica ampliada, que considera o território. Relacionou sua aproximação à TCC à frequência limitada dos atendimentos: *"a TCC surgiu para mim como uma alternativa, um auxílio dentro dessa loucura que era a saúde pública."* Reyna, que utilizava a TCC, associou sua escolha à afinidade pessoal.

A partir dessas diferenças, os referenciais oferecem caminhos para investigar crenças, vínculos e sentidos, mas sua menção não esclarece como foram articulados no atendimento. Isso suscita uma questão para a formação: como examinar os pressupostos da própria abordagem diante de experiências amorosas que a desafiam? A integração entre estudo, supervisão e trabalho pessoal oferece espaço para essa reflexão (HAIKAL, 2022).

3.2.2 Referências de outras áreas

Além das abordagens psicológicas, foram mencionadas contribuições filosóficas e sociológicas. Ares explicitou: *"a minha influência é Freud, porém, Schopenhauer, Cioran, que é quem eu estou estudando no momento."* Também citou Nietzsche e a literatura. Quíron distinguiu o lugar de Bauman: *"o que me direcionou como pessoa, não como psicólogo em si, desde a adolescência, foi o Bauman — principalmente o livro Amor Líquido."* A fragilidade dos vínculos contextualiza essa leitura pessoal, que ele não apresentou como fundamento clínico (BAUMAN, 2004).

Ademais, as referências feministas acrescentaram questões sobre autonomia e desigualdade. Annabeth afirmou que *"o feminismo subverte essas lógicas de dominação, de não ter autonomia."* Ela relacionou essa influência à crítica dos papéis predeterminados para as mulheres e ao reconhecimento de diferentes formas de amar. Gênero, raça e normas de conjugalidade

participam das condições sociais que ampliam ou restringem as escolhas afetivas (JARDIM; SOUZA, 2024).

Ainda nesse âmbito, as vivências religiosas participaram dessas compreensões. Atena afirmou que *"não tem como desassociar a palavra amor da experiência da divindade de Deus."* Quíron, em sua perspectiva pessoal, declarou: *"vejo o amor como mandamento e não como sentimento."* Percy mencionou o apoio de sua tradição: *"acredito muito nos meus orixás"*. As experiências de fé tiveram sentidos distintos; sua menção não caracteriza uma técnica psicológica. Seu lugar no atendimento depende de como são relacionadas às demandas de quem é atendido.

Nesse encontro entre formação e trajetória pessoal, as experiências de fé, as leituras e as críticas às desigualdades sugerem que a abordagem não esgota as referências dos profissionais. O caráter social dos significados amorosos ajuda a situar essa pluralidade (JARDIM; SOUZA, 2024). Para a atuação, cabe examinar quando essas influências contribuem para compreender a demanda ou introduzem expectativas do próprio psicólogo.

3.3 Influência das concepções de amor nas práticas de cuidado

As referências e experiências relatadas também apareceram nas maneiras de cuidar. Esta categoria reuniu acolhimento e construção do vínculo terapêutico; manejo do sofrimento e respeito à autonomia; e implicação pessoal e limites profissionais. Cuidar envolveu reconhecer necessidades de quem é atendido e considerar os próprios valores e as condições de trabalho. Os depoimentos expressam percepções dos profissionais sobre sua atuação em diferentes serviços e públicos.

3.3.1 Acolhimento e construção do vínculo terapêutico

No cuidado, o vínculo foi relacionado à disponibilidade para escutar. Íris descreveu: *"Às vezes é você olhar com carinho, é você não julgar, é você realmente demonstrar interesse pelo que ela está falando."* Percy associou o amor à presença, ao silêncio e à compreensão do sofrimento. Sally o relacionou à avaliação neuropsicológica: *"quando eu produzo um laudo, eu produzo com amor."* O amor apareceu no cuidado ao planejar a avaliação e em informações úteis ao autoconhecimento.

Além da escuta, a aproximação exigiu reconhecer formas particulares de comunicação. Rachel relatou adaptar atividades aos interesses das crianças: *"A gente tem que deixar a pessoa livre também, tem que levar em consideração os gostos dele."* Íris também mencionou o brincar. Na assistência social, Percy destacou: *"no social, o amor é trazido nas ações. Na clínica, eu enxergo que o*

amor é trazido como um problema." Associou o cuidado às visitas, à escuta e à mobilização de recursos. Essas práticas variaram conforme as necessidades e as condições dos serviços.

Desse ponto de vista, o vínculo envolve acordos sobre o atendimento. Na aliança terapêutica, a confiança se articula à colaboração nos objetivos e nas tarefas entre profissional e cliente. Escutar, adaptar atividades e mobilizar recursos ganham sentido conforme o trabalho acordado. Nos relatos, amor nomeia uma compreensão da relação profissional, enquanto aliança terapêutica designa o conceito técnico de colaboração (OLIVEIRA; BENETTI, 2015).

3.3.2 Manejo do sofrimento e respeito à autonomia

O vínculo também sustentou diferentes maneiras de abordar o sofrimento. Ares delimitou: "*Não vou explicar para um paciente meu o que é amor.*" Grover relatou perguntas como "*e o que é isso para você? Como é que você vê isso? Como é que você se percebe nesse tema?*" Reyna ressaltou: "*Eu preciso conhecer a estrutura para saber o que está funcionando e o que não está.*" Os relatos se aproximaram pela atenção à história do cliente, com diferenças na investigação dos significados, da experiência e das crenças.

Nesse contexto, a investigação incluiu as condições de permanência em relações prejudiciais. Hazel descreveu o trabalho de "*tentar proporcionar que a pessoa enxergue a contingência à qual ela está inserida, os prejuízos disso para a vida dela, o quanto isso está trazendo sofrimento — e o quanto ela pode quebrar esse ciclo.*" Reyna mencionou fatores financeiros, julgamento social e submissão. Dependência financeira e emocional, esperança de mudança e falta de apoio podem participar da permanência em relações abusivas, o que afasta explicações centradas apenas na ausência de amor-próprio (FONSECA; RIBEIRO; LEAL, 2012; OLIVEIRA et al., 2025).

Quanto às escolhas do cliente, os relatos destacaram o respeito à autonomia. Annabeth afirmou: "*Se é, por exemplo, pela via de uma simbiose sufocante, a gente precisa desenvolver a autonomia.*" Afrodite esclareceu que "*o objetivo da terapia não é separar ninguém: é fazer com que a pessoa tenha força o suficiente — mesmo que para permanecer, ou para reajustar, ou para se reajustar dentro das relações em que vive.*" Íris acrescentou: "*E esse tempo não é o meu.*" O cuidado foi relacionado ao fortalecimento da pessoa e ao respeito ao seu tempo, sem antecipar um desfecho necessário.

No caso das perdas, o trabalho se voltou à elaboração da ausência. Annabeth descreveu: "*Se é pela via de trabalhar o luto por um término de relacionamento, aí é construir outros sentidos, outras coisas, e elaborar esse luto.*" Quíron mencionou o acolhimento hospitalar e, na clínica, definiu seu

trabalho como *"a primeira parte é acolher, racionalizar e tentar entender — para que, junto com aquela pessoa, a gente tenha um norte."* Relatou respostas distintas a uma atividade simbólica de despedida de uma idealização, indicando a necessidade de considerar cada caso.

3.3.3 Implicação pessoal e limites profissionais

Relacionam-se à relação de cuidado as concepções sobre amor, a implicação pessoal e os limites profissionais. Reyna reconheceu essa influência: *"Tentar ficar o máximo possível na postura neutra, que é um trabalho praticamente diário."* Annabeth acrescentou que *"a gente precisa se conhecer e saber quais são as nossas questões também com relação ao amor, o que a gente entende por amor."* Sally descreveu esse exercício: *"é se despir mais dos nossos julgamentos, né, das nossas experiências, que não são as mesmas de todo mundo."* Deste modo, coloca-se a importância do autoconhecimento, como parte da responsabilidade pela escuta: reconhecer os próprios valores e experiências ajuda a distingui-los das necessidades do cliente.

Quanto à expressão pessoal do psicólogo em relação ao amor no atendimento, os relatos também abordaram o que comunicar ao cliente. Atena condicionou a abordagem do amor pela via da espiritualidade à pertinência para o paciente: *"quando a pessoa dá abertura, quando para ela isso é importante também, se entra na perspectiva da espiritualidade também"*. Percy, apoiado na congruência, relatou comunicar quando não estava bem para atender. Na ACP, a expressão do terapeuta é considerada por sua função no processo do cliente, preservando a diferença entre as experiências de ambos (ROGERS, 1961).

Em paralelo, os limites da disponibilidade apareceram no trabalho. Atena observou: *"é cansativo; às vezes a gente chega no limite e tem que pedir umas férias, tem que entrar num recesso, senão a gente não aguenta."* Percy ponderou: *"quando a gente se move demais só pelo amor, a gente pode chegar a uns cantos em que talvez o amor não seja suficiente."* Por isso, cabe refletir sobre a saúde mental de quem cuida. A discussão de Haikal (2022) sobre desgaste e *burnout* no trabalho psicoterapêutico ajuda a pensar o cansaço mencionado nas entrevistas. O autocuidado, discutido na primeira categoria, reaparece relacionado à necessidade de descanso e ao reconhecimento dos limites da disponibilidade para atender.

Diante disso, o trabalho sobre si foi relacionado à formação. Reyna sintetizou: *"a gente é o nosso próprio instrumento de trabalho."* Annabeth enfatizou: *"Supervisão, supervisão, supervisão; terapia, terapia, terapia."* Grover destacou estudo contínuo e cuidado pessoal. Haikal (2022) já ressaltou que a psicoterapia pode integrar o cuidado com quem cuida, ao oferecer um espaço

para elaborar questões pessoais, compreender o impacto da escuta e desenvolver autoconhecimento.

Nessa mesma direção, Grover afirmou que *"a gente também não pode estar nesse patamar hierárquico da terapia, de que a gente está ali para ser o salvador daquela pessoa."* Seu relato incluiu acolhimento e encaminhamento quando necessário. A abertura, a presença e a suspensão de julgamentos, na relação dialógica gestáltica, ajudam a pensar essa disponibilidade para o encontro, sem presumir a resolução de todas as dificuldades (MOTTA; ASSIS; SATELIS, 2020).

Nesse contexto, a psicoterapia pessoal pode contribuir para o autoconhecimento e o desenvolvimento profissional do psicoterapeuta (HAIKAL, 2022). Esse resultado evidencia a importância da expressão do amor no exercício profissional da Psicologia e ressalta a relevância de incorporar essa temática já na formação acadêmica. Nesse sentido, a graduação deve favorecer não apenas a apropriação de conhecimentos teóricos sobre o amor, mas também a reflexão crítica e o desenvolvimento de experiências práticas que possibilitem aos futuros psicólogos reconhecer e integrar essa dimensão às suas futuras atuações profissionais. Para tanto, disciplinas curriculares, projetos de extensão, estágios supervisionados, projetos interdisciplinares e outras experiências formativas podem constituir espaços privilegiados para a construção de uma compreensão do amor articulada à prática psicológica, ao cuidado e à relação com o outro.

Em síntese, os participantes relacionaram suas concepções de amor ao acolhimento, à investigação do sofrimento e aos limites da atuação. O vínculo aproximou relatos, enquanto os referenciais sustentaram diferentes compreensões das experiências dos clientes. Examinar os próprios valores integrou o cuidado, para distinguir expectativas pessoais e necessidades de quem é atendido. A escuta e o conhecimento se articularam à autonomia e às condições concretas do trabalho.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os psicólogos entrevistados atribuíram ao amor sentidos ligados aos vínculos, ao cuidado, ao sentido da vida e ao sofrimento. Ao falarem de sua atuação, relacionaram essas compreensões à escuta das demandas amorosas e à condução dos atendimentos, com diferenças entre abordagens e contextos de trabalho. Mencionaram referenciais psicológicos e contribuições de outras áreas, além de experiências pessoais e profissionais. Algumas dessas

referências, contudo, apareceram como influências pessoais, sem indicação de que fossem utilizadas como fundamento dos atendimentos.

Quanto ao alcance dos achados, a pesquisa reuniu as percepções dos profissionais sobre suas práticas de cuidado. A perspectiva dos clientes não foi investigada, permanecendo em aberto como eles percebem o cuidado recebido. Estudos futuros poderiam ouvi-los e comparar suas experiências com os relatos dos psicólogos, considerando diferentes contextos de atendimento. Além disso, cabe aprofundar, na formação em psicologia e na supervisão, a discussão sobre como referências teóricas e experiências pessoais orientam a escuta das demandas amorosas.

À luz dessas considerações, compreende-se que o amor constitui uma dimensão relevante das relações psicossociais e pode atravessar as práticas de cuidado psicológico. Reconhecer sua complexidade implica acolher a singularidade de cada pessoa, respeitar sua autonomia e entender que cuidar do outro também exige olhar para si. Isso posto, mais do que oferecer respostas definitivas sobre o significado do amor, este estudo reafirma a contribuição de uma atuação psicológica ética, sensível e comprometida com a integridade humana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T.; RODRIGUES, D. L. Editorial: the psychology of love. Frontiers in Psychology, v. 15, p. 1-3, 2024.

ALVES, A. D.; ALENCAR, H. M.; ORTEGA, A. C. Moralidade e concepção de amor em crianças de 6 e 9 anos. Revista Psicopedagogia, v. 31, n. 94, p. 21-34, 2014.

ALVES, V. V. C. A influência das crenças centrais em relacionamentos amorosos- uma abordagem cognitivo comportamental. Revista Eletrônica da Estácio Recife, v. 12, n. 1, p. 143-157, 2025.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2016.

BAUMAN, Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Brasília, DF, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Brasília, DF, 2016.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília, DF, 2005.

FERREIRA, P. H. E.; TEODORO, E. F. Me chame pelo seu nome e eu te chamarei pelo meu: a possibilidade de invenção do amor – uma leitura psicanalítica. Pretextos – Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 8, n. 16, p. 95-109, 2023.

FONSECA, D. H.; RIBEIRO, C. G.; LEAL, N. S. B. Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. Psicologia & Sociedade, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 307-314, 2012.

FORMIGA, D. C.; CAMPOS, F. V. O. A concepção de amor como arte e a sua relação com a fé: contribuições do pensamento de Erich Fromm. PLURA, Revista de Estudos de Religião, v. 11, n. 2, p. 63-89, 2020.

GASSET, J. O. On love: aspects of a single theme. 6. ed. Estados Unidos: The World Publishing Company, 1971.

HAIKAL, M. A systematic review of the impact of personal therapy on therapists. Current Research in Psychology and Behavioral Science, v. 3, n. 7, p. 1-6, 2022.

HERNANDEZ, J. A. E. et al. A psicologia do amor: vinte anos de estudos científicos nacionais. Psicologia Argumento, v. 32, n. 79, p. 131-139, 2014.

HORST, F. C. P. V. D.; ROSMALEN, L. V.; VEER, R. V. D. The american contribution to attachment theory: John Bowlby´s who trip to the usa in 1950 and the development of his ideas on separation and attachment. Attachment & Human Development, v. 27, n. 5, p. 662-683, 2025.

IMPETT, E. A.; PARK, H. G.; MUISE, A. Popular psychology through a scientific lens: evaluating love languages from a relationship science perspective. Current Directions in Psychological Science, v. 33, n. 2, p. 87-92, 2024.

JARDIM, M. C.; SOUZA, T. C. Sociologia do amor: a construção do amor como tema de estudo nas ciências sociais. Revista Brasileira de Sociologia, v. 12, p. 1-38, 2024.

MOTTA, H. L.; ASSIS, G. A. P.; SATELIS, L. R. A Gestalt-terapia como clínica do encontro: compreendendo a relação dialógica. Phenomenological Studies – Revista da Abordagem Gestáltica, v. 26, n. esp., p. 382-392, 2020.

NÓBREGA, S. M.; FONTES, É. P. G.; PAULA, F. M. S. M. Do amor e da dor: representações sociais sobre o amor e o sofrimento psíquico. Estudos de Psicologia (Campinas), Campinas, v. 22, n. 1, p. 77-87, 2005.

OLIVEIRA, A. J. M. et al. Entre o medo e a esperança: fatores psicológicos, econômicos e sociais que contribuem para a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE, São Paulo, v. 11, n. 4, p. 3873-3884, 2025.

OLIVEIRA, M. R.; SILVA, Y. R.; AMORIM, B. M. O. Amor e representações sociais: construção e reconstrução das relações amorosas na pós-modernidade. Psicologia e Saber Social, v. 14, p. 276-297, 2025.

OLIVEIRA, N. H.; BENETTI, S. P. C. A aliança terapêutica: estabelecimento, manutenção e rupturas da relação. Arquivos Brasileiros de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 67, n. 3, p. 125-138, 2015.

OLTRAMARI, L. C. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 14, n. 4, p. 669-677, 2009.

ROGERS, C. R. On becoming a person: a therapist´s view of psychotherapy. Estados Unidos: Houghton Mifflin Company, 1961.

SANTOS, V.; SANTOS, H. G. B. Diálogo entre semiótica e psicologia num estudo das dimensões do amor. Revista Interfaces, v. 14, n. 3, p. 1-24, 2023.

SCHLÖSSER, A.; CAMARGO, B. V. Contribuições de pesquisas brasileiras sobre o amor e relacionamentos amorosos. Temas em Psicologia, v. 22, n. 4, p. 795-808, 2014.

SILVA, A. R. M. A face enganosa de eros: a ilusão da paixão na psicanálise e na literatura. Revista Acadêmica Online, v. 11, n. 59, p. 1-12, 2025.

SILVA, F. L. H. et al. As perspectivas de Viktor Frankl e Erich Fromm sobre o amor e a humanidade. Research, Society and Development, v. 10, n. 10, p. 1-8, 2021.

SUY, A. A gente mira no amor e acerta na solidão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

VALLE, P. R. D.; FERREIRA, J. L. Análise de conteúdo na perspectiva de Bardin: contribuições e limitações para a pesquisa qualitativa em educação. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 41, p. 1-21, 2025.